

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JAKELINE MARTINS DA SILVA

**OS DESAFIOS E PRECONCEITOS ENFRENTADOS POR PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA FÍSICA A CERCA DE SUA SEXUALIDADE: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

JAKELINE MARTINS DA SILVA

**OS DESAFIOS E PRECONCEITOS ENFRENTADOS POR PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA FÍSICA A CERCA DE SUA SEXUALIDADE: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Esp. Nadya Ravella Siebra De Brito Saraiva

JAKELINE MARTINS DA SILVA

**OS DESAFIOS E PRECONCEITOS ENFRENTADOS POR PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA FÍSICA A CERCA DE SUA SEXUALIDADE: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 06/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Nadya Ravella Siebra De Brito Saraiva

Membro: Alex Figueiredo Da Nóbrega

Membro: Joel Lima Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

OS DESAFIOS E PRECONCEITOS ENFRENTADOS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA A CERCA DE SUA SEXUALIDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Jakeline Martins Da Silva¹
Nadya Ravella Siebra De Brito Saraiva²

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a sexualidade como uma dimensão intrínseca à experiência humana, destacando sua importância para o bem-estar individual. Entretanto, pessoas com deficiência física enfrentam desafios e estigmas relacionados à expressão de sua sexualidade. O objetivo do trabalho é realizar uma análise crítica desses estigmas, identificando tendências nas pesquisas existentes sobre os desafios enfrentados por esse grupo. A pesquisa adota uma abordagem metodológica combinada de pesquisa bibliográfica e qualitativa, explorando a interseção entre sexualidade e deficiência física. A análise crítica dos textos selecionados visa identificar informações pertinentes sobre a sexualidade dessas pessoas, com rigorosos critérios de inclusão. O capítulo "Aspectos Abrangentes da Sexualidade em Indivíduos com Deficiências" contextualiza a deficiência ao longo da história, abordando a evolução das percepções sociais. O texto destaca desafios históricos, categorizações e a importância contemporânea de reconhecer a diversidade humana. "Identificando a Sexualidade" enfoca a integralidade da sexualidade humana, destacando influências culturais, sociais e biológicas. O texto sublinha a persistência de estereótipos prejudiciais para pessoas com deficiência, enfatizando a necessidade de educação inclusiva. No trecho sobre a busca contemporânea, a pesquisa destaca a dimensão afetiva da sexualidade, explorando intimidade, namoro e casamento. Aborda a percepção da imagem corporal e a importância da inclusão genuína. O segmento sobre estigma ressalta a origem, impacto e a necessidade de combatê-lo. Destaca a inclusão social como crucial para garantir igualdade de oportunidades. A seção sobre o papel da família enfatiza a importância da educação sexual adaptada e apoio psicológico. A atuação dos psicólogos é destacada, abordando técnicas e métodos para lidar com questões relacionadas à sexualidade. Em conclusão, o TCC destaca a complexidade da sexualidade de pessoas com deficiência, ressaltando a importância de combater estigmas, promover a educação inclusiva e garantir respeito à autonomia individual. A pesquisa busca contribuir para uma sociedade mais consciente e inclusiva, reconhecendo a sexualidade como parte integral da experiência humana, independentemente da condição física.

Palavras-chave: Sexualidade, Deficiência física, Estigma social, Preconceito, Psicologia.

ABSTRACT

The Thesis addresses sexuality as an intrinsic dimension of the human experience, underscoring its significance for individual well-being. However, individuals with physical disabilities confront challenges and stigmas related to the expression of their sexuality. The purpose of the work is to critically analyze these stigmas, identifying trends in existing research on the challenges faced by this group. The research adopts a combined methodological approach of bibliographic and qualitative research, exploring the intersection between sexuality and

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email:

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email:

physical disability. The critical analysis of selected texts aims to identify pertinent information on the sexuality of these individuals, with rigorous inclusion criteria. The chapter "Comprehensive Aspects of Sexuality in Individuals with Disabilities" contextualizes disability throughout history, addressing the evolution of social perceptions. The text highlights historical challenges, categorizations, and the contemporary importance of recognizing human diversity. "Identifying Sexuality" focuses on the entirety of human sexuality, emphasizing cultural, social, and biological influences. The text underscores the persistence of harmful stereotypes for people with disabilities, emphasizing the need for inclusive education. In the section on contemporary exploration, the research highlights the affective dimension of sexuality, exploring intimacy, dating, and marriage. It addresses the perception of body image and the importance of genuine inclusion. The segment on stigma emphasizes its origin, impact, and the need to combat it. It highlights social inclusion as crucial to ensuring equal opportunities. The section on the role of the family emphasizes the importance of adapted sexual education and psychological support. The role of psychologists is highlighted, addressing techniques and methods for dealing with issues related to sexuality. In conclusion, the Thesis emphasizes the complexity of the sexuality of people with disabilities, highlighting the importance of combating stigmas, promoting inclusive education, and ensuring respect for individual autonomy. The research seeks to contribute to a more aware and inclusive society, recognizing sexuality as an integral part of the human experience, regardless of physical condition.

Keywords: Sexuality, Physical disability, Social stigma, Prejudice, Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma dimensão intrínseca à experiência humana, enraizada no bem-estar de cada indivíduo, transcendendo as especificidades físicas. Contudo, lamentavelmente, permanece envolta em mistério e estigma quando se trata de pessoas com deficiência física. A expressão de sua sexualidade frequentemente enfrenta uma série de desafios e preconceitos que exercem um impacto profundo em suas vidas (Pizzinatto, Almeida-Segundo; Uziel, 2020).

O propósito deste trabalho é realizar uma análise crítica dos estigmas e tabus sociais associados à sexualidade de pessoas com deficiências físicas, buscando identificar tendências nas pesquisas existentes sobre os desafios enfrentados por esse grupo. Para alcançar este objetivo, serão adotadas abordagens específicas, como a análise da natureza dos estigmas e preconceitos relacionados à sexualidade das pessoas com deficiência física, a avaliação da condição delas no que se refere aos seus direitos sexuais e reprodutivos, considerando aspectos psicológicos essenciais, como o fortalecimento da autoestima e o empoderamento desses indivíduos. Além disso, serão identificados os estigmas e preconceitos que permeiam a sexualidade das pessoas com deficiência física, com especial foco nas implicações psicológicas desses estigmas em sua saúde e bem-estar.

A luta contra os preconceitos é uma batalha constante para muitas pessoas com deficiências físicas. Esses preconceitos se manifestam na forma de estereótipos limitadores, atitudes discriminatórias e falta de compreensão (Cláudia, 2020). Na esfera da sexualidade, esses preconceitos muitas vezes se traduzem em negação, infantilização ou até mesmo desvalorização das necessidades e desejos dessas pessoas.

O preconceito e a discriminação em relação à sexualidade das pessoas com deficiências persistem em muitas sociedades. Estereótipos, como a infantilização dessas pessoas ou a crença equivocada de que elas não têm desejos sexuais, contribuem para a marginalização e a negação de direitos básicos. Além disso, as pessoas com deficiências enfrentam um risco aumentado de abuso sexual e exploração devido à sua vulnerabilidade, tornando a compreensão e a mitigação do preconceito uma prioridade inegável (Vaz, 2009).

A psicologia desempenha um papel vital em auxiliar pessoas com deficiências físicas na visualização de questões relacionadas à sexualidade. Ao fornecer apoio emocional, oferecer estratégias para lidar com o estigma e promover a autoestima, a psicologia desempenha um papel crucial na promoção do bem-estar sexual dessas pessoas e pode ser uma ferramenta valiosa na educação de cuidadores e profissionais de saúde, auxiliando na quebra de estigmas e preconceitos em relação à sexualidade das pessoas com deficiências (Gassal, Gonzalez, Bicalho, 2011).

Essa pesquisa busca lançar luz sobre essa questão complexa, explorando a complexidade dessas questões e analisando os estigmas que cercam a sexualidade de pessoas com deficiências físicas. Por meio dessa análise, busca-se contribuir para uma compreensão mais profunda e uma possível transformação da maneira como a sociedade percebe e trata a sexualidade desses indivíduos, promovendo uma abordagem mais inclusiva e respeitosa.

2 METODOLOGIA

A pesquisa do presente artigo é pesquisa bibliográfica, pois busca explorar um tema pouco discutido na sociedade e descrever os principais aspectos relacionados a ele. A abordagem do problema é qualitativa, uma vez que procuro compreender as experiências e registros de pessoas com deficiência física em relação à sua sexualidade, além de analisar as representações sociais sobre o tema.

Para realizar este trabalho, foi utilizado pesquisa bibliográfica, que consiste em buscar informações em livros, artigos, dissertações, teses e outras fontes documentais relacionadas ao tema em questão. Para isso, realizei uma revisão sistemática da literatura, a partir da seleção de

palavras-chave e da busca em bases de dados eletrônicas, como Scielo, Pubmed, Bireme, Google Scholar, entre outras.

A análise dos resultados foi realizada por meio de uma leitura crítica dos textos selecionados e organização das informações relevantes para o tema em questão.

Os critérios de inclusão adotados foram: artigos e publicações em língua portuguesa, com data de publicação entre os anos de 2009 e 2022 e que tratem sobre a sexualidade em pessoas com deficiência física.

A análise dos dados foi realizada por meio da leitura crítica e síntese das informações encontradas, com o objetivo de identificar os principais aspectos relacionados à sexualidade em pessoas com deficiência física, suas particularidades e desafios enfrentados, bem como as possibilidades de intervenções na área da saúde e educação sexual para esse público.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, foi por coleta de dados primários e a pesquisa foi realizada a partir da análise de dados secundários já disponíveis na literatura.

3 ASPECTOS ABRANGENTES DA SEXUALIDADE EM INDIVÍDUOS COM DEFICIÊNCIAS

3.1 A DEFICIÊNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA

A deficiência tem sido objeto de estudo ao longo dos anos. Hefesto, filho de Zeus e Hera, nasceu com problemas nas pernas, onde causando repulsa e repúdio de sua mãe, que o lançou do Monte Olimpo para esconder a vergonha associada à sua condição. Apesar dos desafios físicos e psicológicos, Hércules impressionou todos com sua excepcional habilidade para trabalhar com metais impressionou até os deuses.

Longo dos anos, explorando sua evolução, conceitos e atitudes em relação às pessoas que possuem diferentes tipos de deficiências. Durante os séculos XVIII e meados do século XIX, a deficiência era frequentemente interpretada como um castigo divino, resultando na marginalização dos sobreviventes. A história da deficiência tem suas raízes na vida do homem primitivo. Em um contexto desfavorável para aqueles que nasciam com alguma deficiência, devido às condições ambientais desafiadoras, a sobrevivência e organização grupal eram difíceis. À medida que o clima na Terra se tornava mais ameno, os grupos humanos começaram a se organizar em busca de sustento. Durante essa jornada, a inteligência humana começou a se evidenciar, ampliando a percepção do ambiente. Surgiu a inspiração ao sol, à lua e aos animais.

A representação predominante era a de que muitos indivíduos com deficiência carregavam deformidades físicas e mentais, denunciando a imperfeição da condição humana. Registros históricos mostram que pais abandonavam crianças em cestas ou em locais considerados sagrados. Os que sobreviviam eram explorados nas cidades ou tornavam-se atrações em circos. O nascimento de pessoas com deficiência era visto como um castigo divino; eram considerados feiticeiros ou bruxos, seres malignos que deveriam ser castigados para alcançar a purificação. Nesse período, no século XX e na década de 70, a Igreja se posicionava como uma grande aliada das pessoas com deficiência. Observa-se um movimento de integração social dos indivíduos que apresentam deficiência (Barolo, Fernandes, Lorena, 2011).

As famílias que tinham membros com deficiência(s) enfrentavam o estigma e preferiam escondê-los para evitar o julgamento social. As crianças com deficiência eram consideradas sem utilidade devido à sua incapacidade de realizar trabalhos comuns, como pesca e agricultura, fundamentais para o sustento familiar na época. A sociedade acreditava que elas não deveriam nascer ou viver por muito tempo, pois pensavam que esses indivíduos eram seres sem alma e coração (Foucault, 2010).

Nos anos 1970, no Reino Unido, iniciaram-se estudos sobre deficiência, evoluindo de uma visão simplista para um conceito complexo. Agora, não apenas reconhecem a lesão no corpo, mas também denunciam a estrutura social opressiva. Semelhante ao sexismo ou racismo, esses estudos revelam uma ideologia que humilha e segrega corpos deficientes na sociedade.

De acordo com (Amaral 2022) a deficiência é definida como primária e secundária. Na deficiência primária abrange lesões orgânicas específicas, como déficit intelectual, disfunções físicas e cromossômicas. Por outro lado, a deficiência secundária destaca-se por não estar intrinsecamente ligada ao contexto externo, caracterizando-se por não ter uma origem diretamente relacionada a fatores orgânicos específicos.

Atualmente, após diversas situações históricas que evidenciaram a crueldade e a exclusão, busca-se compreender o ser humano de maneira abrangente, reconhecendo que o outro desempenha um papel crucial no crescimento e reconhecimento da humanidade. Nesse contexto, manter uma postura de respeito à diversidade e às diferentes formas de apresentação de cada indivíduo é fundamental para uma sociedade rica em pluralidade (Pereira, 2017).

É evidente que a compreensão de múltiplas formas de expressão e condição humana não foi obtida de forma harmoniosa. Pelo contrário, foi uma trajetória marcada pelo sofrimento e dor, baseada em sociedades que valorizavam a estética, a interpretação mítica do mundo ou mesmo a supremacia religiosa, além dos interesses pessoais e governamentais. Não se pode afirmar que essas questões não continuem a influenciar a sociedade atual; no entanto, muitos

valores se expandiram ou se transformaram, proporcionando ao ser humano novas perspectivas para interpretar a vida, a sociedade e, por conseguinte, as pessoas (Barolo, Fernandes, Lorena, 2011).

Existe uma generalização prejudicial quanto à sexualidade das pessoas com deficiência. Elas são frequentemente rotuladas como carentes de sentimentos, pensamentos e necessidades sexuais. Essa percepção equivocada está enraizada na crença de que são dependentes e infantilizadas, incapazes de vivenciar uma vida sexual adulta. O olhar que a sociedade direciona a essas pessoas é lamentavelmente comum, associando sua dependência a uma suposta imaturidade emocional e infantilidade. Embora possuam desejos sexuais íntegros e sentimentos, e mesmo que necessitem de ajuda para atividades cotidianas, muitas vezes são tratadas como crianças (Foucault, 2010).

3.2 IDENTIFICANDO A SEXUALIDADE

A sexualidade, de forma abrangente, constitui uma parte fundamental da experiência humana, estando intrinsecamente ligada à biologia, psicologia, cultura e sociedade. Ela abrange um conjunto complexo de características, comportamentos, pensamentos, emoções e relações que estão interligados à atração sexual, desejo, intimidação e à expressão da identidade de gênero, ao pensar na sexualidade, a repressão é uma palavra frequentemente presente desde a era vitoriana, seja no âmbito familiar, religioso ou escolar. Nessas instituições, o discurso predominante continua sendo o moralista e o biológico. O sexo em si é muitas vezes limitado à procriação, e a sexualidade como fonte de prazer é amplamente ausente nos discursos dessas instituições, como afirma (Foucault, 2010).

No final do século XVIII, três grandes instituições regulamentavam as práticas sexuais: Eles determinaram, de diferentes formas, o marco divisório entre o que era legal e ilegal. O sexo matrimonial era repleto de restrições e orientações. E o ponto central era o matrimônio: as obrigações entre os parceiros, a disposição de cumprir com os deveres estabelecidos e como seriam cumpridos (Claudia, 2020, p. 25).

A relação entre saúde sexual e direitos sexuais foi claramente estabelecida durante a adoção solene da Declaração dos Direitos Sexuais, em 1999, pela WAS em Hong Kong: "A sexualidade é uma parte integrante da personalidade de todo ser humano. O pleno desenvolvimento depende da satisfação de necessidades básicas humanas, como o desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho e amor, A sexualidade é construída

por meio da interação entre o indivíduo e as estruturas sociais”. (Giarni, 2013, p. 10).

O desenvolvimento total da sexualidade é essencial para o bem-estar individual, interpessoal e social. Os direitos sexuais são direitos humanos universais fundamentados na liberdade inerente, na dignidade e na igualdade para todos os seres humanos. A saúde sexual é um direito fundamental e, portanto, deve ser um direito humano básico (Gassal, 2011, p. 13).

Ao abordar o dispositivo, (Foucault, 2010) aponta que o dispositivo da sexualidade é uma estratégia poderosa e perversa, não de repressão, mas de gerenciamento e controle da produção dos corpos, subjetividades e leis. Para garantir que os seres humanos e a sociedade desenvolvam uma sexualidade saudável, os seguintes direitos sexuais devem ser reconhecidos, promovidos, respeitados e defendidos por todas as sociedades de todas as formas. A saúde sexual é o resultado de um ambiente que confirma, respeita e promove esses direitos sexuais.

A atração sexual está relacionada aos tipos de pessoas ou gêneros que despertam desejo em alguém. Isso inclui a atração pelo mesmo sexo (homossexualidade), pelo sexo oposto (heterossexualidade), por ambos os sexos (bissexualidade) e outras formas de atração. Por outro lado, a identidade de gênero diz respeito à autopercepção do gênero ao qual alguém pertence, podendo ser masculino, feminino, ambos, nenhum, entre outros.

A sexualidade é um dos temas mais necessários de serem treinados e discutidos, no entanto, continua sendo um assunto velado e polêmico. Um dos fatores é a falta de conhecimento sobre sua historicidade, importância e amplitude. Busca-se esclarecer os discursos hegemônicos historicamente construídos ao longo da história que reprimiram a sexualidade. A visão moralista e controladora da sexualidade foi se constituindo através de discursos em cada período histórico, desde a biologia até a medicina e psicologia, entre outros dispositivos históricos (Claudia, 2020).

A cultura e a sociedade desempenham um papel significativo na influência da sexualidade, moldando normas e valores que podem variar consideravelmente em relação ao que é considerado aceitável ou tabu. A educação sexual visa informar as pessoas sobre aspectos relacionados à sexualidade, fornecendo conhecimentos sobre anatomia, saúde sexual, consentimento, relacionamentos psicológicos e outros tópicos relevantes. Além das dimensões culturais e sociais, a sexualidade também é enraizada na biologia, envolvendo fatores hormonais, anatômicos e genéticos que afetam os aspectos sexuais e reprodutivos. Os aspectos psicológicos da sexualidade, como emoções, fantasias, pensamentos e desejos sexuais, também desempenham um papel central (Gesser, 2014).

De acordo com (Maia, 2011) a sexualidade é um público amplo, manifestando-se de diversas maneiras, como práticas sexuais, desejos, sentimentos, pensamentos, emoções,

atitudes e representações. Portanto, a sexualidade abrange tanto o aspecto do erotismo humano, envolvendo questões orgânicas, psicológicas e sociais, quanto um aspecto que não se restringe apenas ao sexo e ao genital. Sua manifestação também é influenciada por diferentes contextos culturais e momentos históricos.

Apesar destas constatações, o que prevalece nos discursos de leigos, familiares e da comunidade é a generalização de ideias preconceituosas sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, como se esta fosse constantemente atípica ou infeliz. Essas ideias são baseadas em estereótipos sobre o indivíduo com deficiência, excluídas por parecerem equivocadas que o retratam como alguém incapaz e limitado. (Gassal, Gonzalez, Bicalho, 2011).

A família desempenha um papel crucial no processo de inclusão social. Ela tem a responsabilidade de fornecer apoio emocional, suporte prático e oportunidades de desenvolvimento para seus membros. No contexto da inclusão, a família tem um papel fundamental na promoção da acessibilidade, do respeito e do valor das individualidades. (Giami, 2013).

No entanto, é natural que uma família desconheça e/ou negligencie as necessidades e especificidades do direito à vinculação afetiva e sexual, que muitas vezes são limitadas pela falta de conhecimento e preconceito. A negação do direito de existência dessas pessoas pressupõe que elas devam ser protegidas e restringidas por sua própria condição restritiva. Por isso, importante conhecer e esclarecer os mitos e falsas crenças sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, pois essas ideias falsas incentivam relações de discriminação e dominação por parte das pessoas sem deficiência em relação às pessoas com deficiência (Giami, 2013).

A sexualidade é um conceito abrangente que envolve aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais. Embora sua expressão seja fortemente influenciada por fatores psicossociais, que são moldados pelo ambiente, a vivência da sexualidade envolve a interação entre as pessoas em um contexto social específico (Claudia, 2020).

Segundo (Maia, 2011), A sexualidade, muitas vezes segue um padrão dominante imposto pela sociedade com o objetivo de normalizar a compreensão da sexualidade. Atitudes sociais, como gestos e discursos, são responsáveis por influenciar e educar sexualmente comportamentos. Entretanto, essas atitudes, em vez de educar sexualmente esses indivíduos, acabam servindo como fatores de repressão sexual, uma vez que esse padrão normativo e crítico não permite a adaptação de pessoas com deficiência, gerando sofrimento para esses indivíduos.

A sexualidade de pessoas com deficiência física é diversa e única, justamente como a de qualquer indivíduo. No entanto, existem estereótipos e tabus que podem dificultar a expressão da sexualidade para pessoas com deficiência. É importante reconhecer que elas têm

desejos, necessidades e direitos sexuais, e que podem buscar informações, apoio e recursos para explorar sua sexualidade de forma saudável e consensual (Claudia, 2020)

A sexualidade das pessoas com deficiência física pode ser influenciada por fatores como a natureza e o grau da deficiência, questões emocionais, acesso a informações sobre sexualidade, apoio social e atitudes da sociedade. É fundamental promover a educação sexual inclusiva, fornece recursos acessíveis e criar espaços seguros para discutir e apoiar a sexualidade dessas pessoas, permitindo-lhes viver relacionamentos saudáveis e satisfatórios.

Pessoas com deficiência física muitas vezes enfrentam vários preconceitos em relação à sua sexualidade (Giami, 2013)

Muitos acreditam que pessoas com deficiência não têm interesse ou capacidade para a intimidade sexual. São frequentemente vistos como assexuados, como se a deficiência limitasse sua capacidade de sentir desejo ou prazer. Algumas pessoas encaram indivíduos com deficiência como objetos de fetiche, reduzindo-os a uma única característica física e desconsiderando sua individualidade. Podem ser alvo de comentários ofensivos ou tratamento discriminatório ao expressarem sua sexualidade ou ao buscar relacionamentos (Almeida, 2018)

A falta de informações acessíveis sobre sexualidade pode privar as pessoas com deficiência de aprender sobre seu próprio corpo, relacionamentos e sexualidade saudável. É fundamental desconstruir esses estigmas, promover a educação inclusiva sobre sexualidade e garantir que todos tenham acesso a recursos e suporte para viverem sua sexualidade de forma plena e respeitosa (Dantas, 2016)

Desafiar a ideia de que pessoas com deficiência não têm vida sexual ou não sentem desejo é crucial. Mostrar exemplos reais e experiências variadas pode ajudar a desfazer esses estereótipos. É importante reforçar que todos têm direito à sua própria sexualidade e à capacidade de tomar decisões sobre seus corpos e relacionamentos, independentemente de sua condição física (Maia, 2011)

Promover uma educação sexual inclusiva, acessível e adequada para pessoas com deficiência é essencial para capacitá-las a entender e explorar sua sexualidade de maneira segura e saudável. Enfatizar a importância de não reduzir as pessoas com deficiência a meros objetos de fetiche ou limitar sua identidade à condição física. Reconhecer sua individualidade e respeitar sua integridade é crucial. Garantir que as pessoas com deficiência tenham acesso a espaços inclusivos, apoio emocional e informações relevantes sobre saúde sexual contribui para uma sociedade mais equitativa e respeitosa (Oliveira, 2017).

A família desempenha um papel crucial na vida de qualquer pessoa, e isso se estende à vivência da sexualidade. O apoio, o diálogo aberto e o respeito pela autonomia individual dentro

das famílias são fatores determinantes para que as pessoas com deficiências possam explorar sua sexualidade com segurança e confiança. O entendimento da família sobre as necessidades emocionais e psicológicas de seus membros com deficiências é fundamental para criar um ambiente inclusivo e acolhedor (Miranda, 2014).

Portanto é possível promover uma mudança de mentalidade e combater os estigmas e preconceitos em relação à sexualidade das pessoas com deficiência física, visando à construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente.

3.3 A RELAÇÃO DA SEXUALIDADE COM O CORPO, IMAGEM E AUTOESTIMA.

Atualmente, a sociedade está em busca de uma compreensão mais abrangente sobre a vida sexual, acompanhando suas diversas manifestações. Independentemente do tipo de deficiência que as pessoas possuem, são frequentemente tratados como objetos pela sociedade, manipulando suas identidades. Nos últimos anos, as pesquisas e estudos universitários têm abordado o tema “corpo e sexualidade”, concentrando-se inicialmente nas questões relacionadas à deficiência física. Ao considerarmos a sexualidade de forma ampla, é fundamental levar em consideração que as relações de amizade, os laços afetivos e familiares, além das relações sexuais, também podem representar uma dimensão significativa nas relações entre pessoas com e sem deficiência. A dimensão afetiva abrange situações de intimidação sexual, namoro e casamento, bem como as relações de amizade e confiança que podem contribuir para uma socialização saudável e o fortalecimento da autoestima. Para ajudar uma pessoa com deficiência, querida e agradável, que se regula como deficiente, mas não deixa de amar e desejar estabelecer relacionamentos afetivos gratificantes. Nesse contexto, duas questões conceituais se destacam: a imagem corporal e a autoestima (Maia, 2011).

Compreende-se por imagem física aquela representação pessoal que temos do nosso corpo, uma representação formada a partir de um ponto de vista social e cultural, nem sempre em sintonia com a realidade, mas relacionada ao imaginário ou ao que é socialmente desconfortável. A imagem física se constitui numa relação dialética entre o real e o imaginário. Daí decorre que a visão que temos do corpo não é estática, mas é o resultado de uma construção dinâmica a partir de representações e significados diversos e complexos. O processo de formação da imagem corporal, quando se trata de uma pessoa com deficiência física, resulta, na maioria dos casos, na percepção de um corpo desfavorecido em relação a outros não deficientes. Entendemos por autoaceitação a maneira como os indivíduos aceitam sua própria identidade, incluindo aí uma boa percepção corporal e uma acessibilidade dos aspectos

emocionais e sociais inerentes à sua existência. Os indivíduos com deficiência poderiam desenvolver uma autoaceitação positiva quando a interação social, isto é, as conexões emocionais familiares e sociais fossem especificadas, prioritariamente, por meio de reforçadores, sentimentos de amor, afeto e acessibilidade (Oliveira, 2017)

Segregação é à separação de grupos sociais, étnicos, ou pessoas com base em características específicas, como raça, gênero, habilidades, entre outros. Essa separação pode ser imposta por leis, políticas ou atitudes sociais, levando à exclusão e à marginalização de determinados grupos. Já a Integração envolve a incorporação de indivíduos de diferentes grupos em um ambiente comum. Geralmente, a integração acontece sem considerar plenamente as necessidades específicas de cada grupo, podendo resultar em uma coexistência superficial ou em situações em que um grupo pode se sentir deslocado. E Inclusão é um ambiente onde todos os indivíduos são valorizados e respeitados, independentemente de suas diferenças. Na inclusão, o foco está na participação ativa, na aceitação e no suporte às necessidades individuais, garantindo que todos tenham igualdade de oportunidades e acesso a recursos. (P=, 2017).

Em síntese, a segregação é a separação, a integração é a incorporação superficial e a inclusão é a valorização e aceitação genuína da diversidade, garantindo igualdade de oportunidades para todos.

Os aspectos fundamentais para o funcionamento sexual são a integridade física e mental. A sexualidade está diretamente relacionada à busca do amor, do contato, da ternura e da intimidade, refletindo em como ele se sente, se move, toca e é tocado. Influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, afetando simultaneamente sua saúde física e mental. A sexualidade humana é extremamente complexa, contendo diversas dimensões: biológicas, psicológicas, sociais, culturais e físicas, e influenciando todos os aspectos da pessoa humana. A sexualidade, a imagem corporal e a autoestima desempenham um papel fundamental na vida das pessoas, estando intrinsecamente interligados. A educação sexual inclusiva e o suporte psicológico são fundamentais para promover uma vivência saudável da sexualidade, uma imagem corporal positiva e uma autoestima fortalecida. (Maia, 2011).

Há elementos que afetam a construção da percepção corporal, sendo essencialmente socioculturais, ou seja, falam de valores e conhecimentos históricos relacionados a cada cultura. Os modelos culturais que promovem uma aparência física específica como adequada, um padrão de beleza limitado, papéis sexuais e maneiras específicas de usar o corpo refletem uma forma repressiva de desenvolver a percepção do corpo, a autoconsciência e a autoaceitação. Assim, os padrões de beleza e estética corporal são atrativos tanto para pessoas consideradas

"normais" quanto para que sejam diferentes, e as normas de experiência e percepção corporal, em ambos os grupos deficientes ou não levam os indivíduos à discriminação que prevalece em nossa sociedade (Fraisse, 2011).

A percepção da beleza interior ganha destaque após a experiência de deficiência. Atualmente, essas pessoas estão imersas em diálogos sobre estética e beleza. A concepção de beleza sofre uma transformação tanto na maneira como esses indivíduos se veem quanto na forma como percebem os corpos. Os relacionamentos afetivos feitos ou ainda fazem parte da vida dessas pessoas, com as mesmas expectativas que todos têm, independentemente de suas condições físicas, para viverem uma vida sexual e amorosa (Almeida, 2018).

Uma identidade física adequada passa pela facilidade de si mesmo por parte da pessoa com deficiência, de modo que, apesar da deficiência, ela não se prive de relacionamentos afetivos, sexuais e de prazer. Reconhecer as necessidades de dar e receber amor, desejar, e encontrar alguma satisfação no exercício da sexualidade são possibilidades. Isso depende de um processo de educação sexual que inclua uma crítica aos padrões impostos pela sociedade, tanto para pessoas com deficiência quanto para pessoas sem deficiência (Maia, 2009). A família e as pessoas próximas à pessoa com deficiência podem auxiliá-la nesse sentido. O desenvolvimento da autoestima da pessoa com deficiência dependerá, portanto, das relações sociais e afetivas positivas, tanto na família quanto em outras instituições.

Mas qual a relação com a Psicologia? A Psicologia, enquanto ciência e profissão, responde por excelência pela subjetividade humana ou, como afirma (Vaz 2009): “A psicologia não é mais somente a ciência da intimidade, mas a ciência das profundezas da alma”. Porque nós somos profissionais com legitimidade para responder sobre o ser humano, mais do que ele mesmo. E falar de subjetividade é responder também pela sexualidade que, na lógica do dispositivo da sexualidade, fala de uma verdade última do sujeito a ser desvelada

3.2 ESTIGMA E PRECONCEITO

A palavra "estigma" foi criada pelos antigos gregos para descrever pessoas que possuíam alguma marca, maldição ou que eram escravizadas. Tais indivíduos eram considerados desfavorecidos pela sociedade e, como resultado, eram evitados pelos demais. Os estigmas representam estereótipos negativos, preconceitos e discriminações associados a características ou condições específicas de uma pessoa. Eles podem se manifestar de diversas maneiras, abarcando estigmas relacionados à aparência física e à situação socioeconômica, até aqueles vinculados à orientação sexual, identidade de gênero, saúde mental, entre outros

aspectos. O termo "estigma" carrega uma conotação negativa que deve ser evitada e é considerada uma ameaça à sociedade, exercendo uma influência social sobre a identidade do indivíduo. Além disso, o estigma pode se manifestar de três formas diferentes, conforme descrito por Goffman: deformações físicas, características pessoais e desvios de comportamento (Goffman, 2010).

Os estigmas podem ter um impacto expressivo na vida das pessoas, limitando suas oportunidades, prejudicando a autoestima e a confiança em si própria, além de gerar exclusão social. Eles criaram para a manutenção de desigualdades e perpetuam a marginalização de grupos ou indivíduos específicos na sociedade. Assim, é vital enfrentar esses estigmas por meio da conscientização, educação e promoção de uma cultura que valoriza o respeito à diversidade. Isso implica desafiar estereótipos, dismantelar preconceitos, fomentar a empatia e promover a compreensão mútua (Silva, 2015)

A erradicação dos estigmas exige a participação de toda a sociedade, incluindo governos, instituições, organizações da sociedade civil e indivíduos. É fundamental criar ambientes seguros e inclusivos, seguidos de políticas de não atendimento, assegurar o acesso igualitário a direitos e oportunidades, e estimular a participação ativa de todos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Goffman, 2010).

É necessário democratizar o bem-estar e garantir um acesso mais digno para essas pessoas. As pessoas portadoras de deficiência exigem muita atenção por parte de suas famílias, amigos e parceiros. Muitas vezes, a sociedade não busca compreender as razões por trás de suas deficiências, e há uma falta de inclusão em diversos aspectos, como acesso limitado devido a ruas mal projetadas, falta de adaptabilidade nos transportes públicos e ausência de uma educação mais inclusiva para essas pessoas. (Almeida, 2018)

A inclusão deve começar em primeiro lugar em cada um de nós, através da mudança de pensamento. É lamentável constatar que ainda existem pessoas excluídas do convívio social por não atenderem aos padrões físicos impostos pela mídia, como cor da pele, altura ou forma física. Precisamos aceitar as pessoas como elas são, sem tentar mudá-las. (Mendes, 2018)

A inclusão social é um processo essencial para assegurar a equidade de oportunidades e o acesso aos direitos fundamentais a todos os membros de uma sociedade, independentemente das suas diferenças e características individuais. (Vaz, 2009)

A inclusão social abrange diversos aspectos, como a inclusão de pessoas com deficiência, a inclusão de grupos étnico-raciais, a inclusão de pessoas com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, e a inclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade social, entre outros. Isso implica em ações e políticas públicas que visam

garantir a igualdade de direitos, o acesso a serviços básicos, a participação ativa na vida social, cultural, econômica, a promoção do respeito e da conquista.

Para alcançar a inclusão social, é necessário o envolvimento de toda a sociedade, desde as instituições governamentais até as organizações da sociedade civil, as empresas, as comunidades e os indivíduos. É preciso criar condições adequadas para que todos tenham oportunidades iguais, eliminando as barreiras físicas, arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais. (Maia, 2011)

A inclusão social requer o desenvolvimento de políticas e programas que garantam a educação inclusiva, o acesso ao mercado de trabalho, a saúde e assistência social adequada, a luta contra a exclusão e o estigma, e a promoção de uma cultura de respeito, valorização das diferenças e reconhecimento da igualdade de todas as pessoas. Além disso, não é apenas uma questão de justiça social, mas também de desenvolvimento sustentável e construção de uma sociedade mais justa e equitativa. (Vaz, 2009)

Trata-se de um processo contínuo que exige o comprometimento de todos os setores da sociedade para alcançar uma verdadeira transformação e garantir que ninguém fique para trás. Acima de tudo, os padrões de normalidade são considerados corretos quando se trata da temática da sexualidade. São protegidas normas e regras idealizadas e consideradas corretas a seguir, e tudo o que foge dessas regras é visto como não normal. (Garcia, 2018)

O discurso social excessivo em relação às pessoas com deficiência, ao adotar uma abordagem de alerta, prevê proteção ou vulnerabilidade, perpetuando a lógica preconceituosa da posição do indivíduo com deficiência no âmbito sexual e erótico. O corpo da pessoa com deficiência é predominantemente visto como objeto de violência, repressão e submissão, em detrimento de ser considerado um veículo de expressão e prazer. O corpo afetado pela condição é distanciado do padrão de beleza socialmente aceito e desejado. Assim, o interesse do "outro" por esse corpo é frequentemente interpretado, tanto pela sociedade em geral quanto pela família do indivíduo com deficiência, como uma anomalia em vez de uma expressão legítima do desejo e da sexualidade humanos (Dantas, 2016).

Devido à escassez de informações sobre sexualidade e limitadas oportunidades de interação social, a expressão dos desejos sexuais nas pessoas com deficiência muitas vezes é percebida de maneira vulgar e contrária às normas sociais. Isso contribui para uma visão distorcida sobre a sexualidade desses indivíduos, rotulando-os como detentores de uma sexualidade considerada atípica. Nesse contexto, o desejo, algo inerente a todo ser humano, é interpretado como sendo anormal e excessivo devido à sua manifestação legítima (Maia, 2011).

Diante desses sentimentos de inadequação, é fácil esquecer que, acima de tudo, cada indivíduo é um ser humano, e a deficiência é apenas uma parte de sua identidade pessoal. Amar não é dirigido à deficiência, mas sim ao sujeito que a possui. Os padrões sociais de normalidade estão intrinsecamente ligados à saúde (e à perfeição), levando muitas pessoas a temerem a deficiência, pois acreditam que uma vida com deficiência não vale a pena ser vivida. (Piccolo, 2019)

3.3 O PAPEL DA PSICOLOGIA SOBRE O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAL, E COMO TRABALHO COM FAMÍLIA

O papel da família na educação e orientação sexual das pessoas com deficiência é crucial, pois eles desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e na formação desses indivíduos. A família deve criar um ambiente de comunicação aberta e apoio, permitindo que a pessoa com deficiência se sinta confortável para discutir questões relacionadas à sexualidade e receber orientação (Carvalho; Silva, 2021).

É importante que a família forneça educação sexual apropriada, adaptada às necessidades específicas da pessoa com deficiência, garantindo que eles tenham acesso a informações relevantes de acordo com seu nível de compreensão. A família deve respeitar a autonomia e a privacidade da pessoa com deficiência, permitindo que ela tome suas próprias decisões e desenvolva sua identidade sexual de acordo com suas vontades e capacidades. Acolher e oferecer suporte emocional é essencial para ajudar a pessoa com deficiência a lidar com questões emocionais relacionadas à sexualidade, garantindo que se sintam seguros e confiantes ao explorar esse aspecto de suas vidas (Oliveira, 2017).

A família pode ajudar a pessoa com deficiência a acessar recursos e serviços que ofereçam orientação e apoio relacionados à saúde sexual, garantindo que tenham acesso a informações confiáveis e assistência quando necessário. A família desempenha um papel crucial na educação e orientação sexual das pessoas com deficiência, proporcionando um ambiente de apoio, respeito e educação adequada para que possam explorar e compreender sua sexualidade de forma saudável e segura (Dantas, 2016).

Já psicólogo deve estar qualificado para trabalhar com as pessoas com deficiência. Nesse sentido, a base teórica construída durante a formação desses profissionais deve ser muito boa, a fim de oferecer-lhes fundamentos para lidar com situações reais que envolvem as pessoas com deficiência. Isso é importante porque os psicólogos, ao atenderem as pessoas com

deficiência, cria-se assim o vínculo terapêutico e também desempenham um papel fundamental na construção da identidade desses indivíduos (Carvalho; Silva, 2021).

Para fornecer um atendimento eficaz, o psicólogo precisa compreender o contexto social das pessoas com deficiências e estabelecer relacionamentos positivos com suas famílias. Após estabelecer uma relação de confiança e adquirir conhecimento sociocultural, o profissional pode escolher a técnica mais adequada. Geralmente, durante as sessões de consulta, emprega-se o método de aconselhamento, que é amplamente utilizado. Por meio desse método, as pessoas recebem apoio por meio de ações positivas e atividades pessoais. O psicólogo ouve com atenção e considera o contexto ao ajudar as pessoas a verbalizar seus conflitos, dúvidas e problemas, levando-as a refletir sobre suas atitudes e comportamentos. Esse tipo de técnica é bem recebido e contribui para reduzir o estresse, além de permitir ao psicólogo identificar os problemas que precisam ser incluídos (Lucaksson, 2012).

A partir desse ponto, o psicólogo determinará a quantidade de tarefas necessários para orientar uma pessoa com deficiência diante dos desafios relacionados à sua sexualidade. Ao acompanhar e avaliar a psicologia do paciente e conduzir entrevistas, o profissional realiza uma avaliação psicológica. Esse procedimento visa identificar a presença de transtornos psíquicos sendo amplamente utilizado em um contexto de trabalho em equipe interdisciplinar. Ele permite uma compreensão mais profunda das questões relacionadas demandas sexuais em pessoas com deficiência (Gherpelli, 2016, p.15).

Na psicoterapia individual, uma modalidade de atendimento que proporciona uma intervenção mais profunda. Nesse processo, ela se conscientizou de que o desenvolvimento de sua sexualidade depende exclusivamente de seu próprio envolvimento. Os procedimentos adotados nesse método terapêutico podem ser personalizados e adaptados às necessidades específicas da pessoa. Os psicólogos também têm a opção de utilizar a terapia em grupo, na qual as pessoas com deficiência são selecionadas com base em critérios de seleção que compartilham interesses, patologias, idade, gênero e personalidade educacional. Essa abordagem requer dos psicólogos habilidades de integração e liderança. Além dos métodos indicados, é importante destacar as iniciativas realizadas em colaboração com equipes multidisciplinares, como as promovidas pelo Ministério da Saúde (Lucaksson, 2012).

No contexto do atendimento psicológico a pessoas com deficiência, surgem diversas questões relacionadas à sexualidade. Muitas vezes, essas pessoas enfrentam desafios práticos e do cotidiano, tais como questões emocionais, relacionamentos interpessoais. Além disso, questões de natureza sexual também se tornam relevantes. É evidente que muitos indivíduos com deficiência precisam de informações e espaços adequados para refletir e discutir esses

temas, seja com suas famílias ou no ambiente escolar. Assuntos como namoro, amor, relações sexuais e vida íntima muitas vezes não recebem a devida atenção e discussão (Carvalho; Silva, 2021).

Não apenas as pessoas com deficiência, mas também suas famílias, frequentemente enfrentam desafios relacionados à sexualidade. Isso acontece devido ao fato de que, muitas vezes, os relatos refletem uma percepção limitada das pessoas com deficiência como seres humanos. É fundamental destacar que as pessoas têm o direito de experimentar sua sexualidade como qualquer outra pessoa e não devem ser consideradas assexuadas (Gherpelli, 2016).

Considerando a possível falta de informação coerente e a capacidade destes para resolver problemas sexuais comuns, é necessário realizar um trabalho de orientação sexual com os seguintes objetivos: Identificar a necessidade de informação; Informação sobre questões sexuais/sexo; intervir junto deles, através do programa de orientação sexual, informando-os e discutindo temas relacionados com a sexualidade e verificando as informações obtidas pelo programa de orientação sexual.

Segundo Maia (2010), o tema da sexualidade tem origens históricas e culturais que possuem um significado que o torna o tema difundido, parte da cultura porque envolve as pessoas em suas vidas.

Quanto ao termo sexualidade, Maia (2010) concorda que ele não se limita à genitália ou como sinônimo de “sexo”, o que impossibilita separar o aspecto biológico da sexualidade de sua dimensão psicossocial e histórica e envolve também questões que merecem reflexão sobre o contexto sociocultural em que estão inseridos.

Ressalte-se que os autores citados enfocam a sexualidade como um conceito amplo, abrangendo o ser humano em diferentes dimensões (biológica, social, psicológica e histórica) (Lucaksson, 2012). Portanto, deve ser respeitado e vivenciado como um direito humano intrínseco.

Assim, pode-se dizer que o objetivo da orientação sexual é fornecer informações sobre a sexualidade e organizar um espaço para refletir e questionar atitudes, tabus, crenças e valores de tratamento relacionados aos relacionamentos e ao comportamento sexual. Inclui também o desenvolvimento sexual, que é saúde reprodutiva, relações interpessoais, emoções, imagem corporal, autoestima e relações de gênero (Maia, 2010)

A Orientação Sexual centra-se nos aspectos fisiológicos, sociais, psicológicos e espirituais da sexualidade através do desenvolvimento dos domínios cognitivo, emocional e comportamental, que inclui também competências essenciais para uma comunicação eficaz e uma tomada de decisão responsável. Difere, portanto, da educação sexual porque abrange todo

o processo informal através do qual aprende-se sobre a sexualidade ao longo da vida, através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou dos meios de comunicação social (Gherpelli, 2016)

O psicólogo pode trabalhar a sexualidade atualmente como forma de motivar as pessoas com deficiência pra terem uma sexualidade saudável. A sexualidade dos deficientes visuais é, muitas vezes pouco discutida e muitas vezes esquecida. É importante lembrar que os deficientes visuais podem expressar sua sexualidade normal, sem quaisquer restrições, pois a sexualidade não impede o desenvolvimento do corpo (Maia, 2010, p. 20)

Um estudo realizado pela Revista Norte Americana, publicado em abril de 2012, buscou compreender como os jovens adolescentes percebem a sua sexualidade. Apresentaram a amostra oito jovens com problemas visuais (4 meninas e 4 meninos), com idades entre 14 e 20 anos, que estudavam e frequentavam o Centro Louis Braille de Porto Alegre (Lucaksson, 2012).

Os resultados explicitaram que no campo sexualidade, os adolescentes tinham apenas noções de suas mudanças corporais, pouco conhecimento a respeito da fisiologia da menstruação e seu papel no ciclo reprodutivo. Sabiam que os espermatozoides estão associados ao sexo masculino, mas não souberam explicar o que são e a sua função. Distinguiram o ficar do namorar, conheciam alguns métodos anticoncepcionais, mas não tinham acesso e não saberiam usá-los, e possuíam informações vagas ou errôneas sobre doenças sexualmente transmissíveis. Quanto às modificações sociais e de comportamento, relataram que a adolescência trouxe uma maior autonomia e liberdade em relação a dependência familiar. Isso fez com que a necessidade de auto-afirmação se instalasse, ou seja, a necessidade de ser reconhecido na sua condição, com seus direitos e deveres, limites e possibilidades, afirmando-se como cidadão. Ao final de todas as entrevistas as dúvidas foram esclarecidas e outras informações acerca dos assuntos abordados foram fornecidas (Lucaksson, 2012).

O debate sobre sexualidade é absolutamente necessário para todas as pessoas com deficiências, também para as que não possuem nenhum tipo de deficiência. O assunto é um tabu, mas não se pode excluir, não pode deixar de falar. É um assunto que interessa todos os seres humanos, deficientes ou não, este é o grande desafio profissional de psicologia na contemporaneidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade das pessoas com deficiência precisa de uma abordagem ampla, levando em consideração não somente os aspectos físicos e subjetivos, mas também os valores, crenças e expectativas da sociedade na qual o indivíduo está inserido. Portanto, não retrata o sujeito como passivo, mas sim como ativo em seu processo de desenvolvimento por meio de suas relações e interações sociais, nas quais as leis sociais exercem influência sobre os aspectos da sexualidade. Nesse sentido, a psicologia enfrenta diversas dificuldades atualmente ao abordar a sexualidade das pessoas com deficiências pois sociedade pode ter atitudes limitadas e desconfortáveis em relação à sexualidade de pessoas com deficiência, o que pode afetar sua autoestima e bem-estar emocional. A educação sexual muitas vezes não aborda as necessidades específicas das pessoas com deficiência. A falta de informações adequadas pode criar lacunas no conhecimento sobre anatomia, relacionamentos e práticas sexuais, dificultando a compreensão e a expressão saudável da sexualidade.

Ambientes inacessíveis podem representar obstáculos significativos para a expressão da sexualidade. A falta de acessibilidade em espaços públicos e privados pode limitar as oportunidades de encontros e atividades sociais, impactando a vida emocional e afetiva dessas pessoas. Dependendo da natureza da deficiência, a comunicação sobre desejos e limitações sexuais pode ser tentada. A falta de estratégias eficazes de comunicação pode dificultar a expressão de necessidades e desejos, afetando a qualidade dos relacionamentos íntimos.

Pessoas com deficiência podem ser mais vulneráveis ao abuso sexual, e a psicologia age na promoção da conscientização, prevenção e apoio às vítimas. A falta de proteção legal adequada e a conscientização sobre essas questões podem criar um ambiente de impunidade.

Pessoas com deficiência podem enfrentar desafios emocionais significativos em relação à sua sexualidade, e a falta de suporte emocional pode ser uma barreira importante. Os profissionais de saúde mental precisam estar preparados para oferecer um ambiente seguro onde os indivíduos possam explorar suas emoções, ansiedades e preocupações relacionadas à sua vida sexual.

A pressão social e familiar pode ser intensa para pessoas com deficiência, influenciando seus relacionamentos e escolhas sexuais. A psicologia pode oferecer estratégias de enfrentamento para lidar com expectativas não realistas e pressões externas, promovendo a autonomia e a tomada de decisões. Ao se deparar com esses desafios, é essencial que a psicologia adote uma abordagem inclusiva, culturalmente sensível e centrada na pessoa,

reconhecendo a diversidade de experiências e respeitando os direitos sexuais de todas as pessoas, independentemente de sua condição física ou mental.

Conclui-se que estudar a sexualidade das pessoas com deficiência é fundamental para preencher as lacunas de conhecimento, levando-as a compreender e expressar suas necessidades e desejos. Isso inclui não somente a prática, mas também o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais para a construção de relacionamentos afetivos. A superação de estigmas e preconceitos é uma peça-chave, pois permite que pessoas com deficiência sejam capazes de desenvolver relacionamentos duradouros. A importância de profissionais de saúde mental bem treinados e de recursos especializados não pode ser subestimada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carvalho, Igor Alessandro Almeida, Vera Maria Carvalho. **A sexualidade do portador de deficiência física e os desafios da comunicação intrafamiliar: um relato de experiência.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, set./dez. 2018.
- AMORAL, Ligia Assumpção. **Conhecendo a Deficiência em Companhia de Hércules.** São Paulo: Editora Blucher, 2022.
- AMANAIARA, **Gênero/sexo/sexualidade:** representações e práticas elaboradas por professores/es da educação infantil na rede municipal em salvadorm2014, p,45-57,76
- BAROLO, Fernandes, Lorena. "**Breve Histórico da Deficiência e Seus Paradigmas.**" Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba, v.2, p.132-144, 2011.
- BORTOLOZZI, Ana Claudia; RIBEIRO, Paulo. **Desfazendo Mitos para Minimizar o Preconceito sobre a Sexualidade de Pessoas com Deficiências.** 2010.
- CASSAL, LCB, Garcia, AM, & Bicalho, PPG de. (2011). **Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização.** Psicologia & Sociedade, 42(4), 465-473.
- CLÁUDIA Ramos de Souza Bonfim. "**O Peso Histórico dos Discursos Hegemônicos sobre a Sexualidade.**" REUNINA – A Revista de Educação da Faculdade Unina, 2020, vol. 1, nº 01.
- CARVALHO, Alana Nagai Lins de; SILVA, Joilson Pereira da. **Sexualidade das Pessoas com Deficiência Física: uma Análise à Luz da Teoria das Representações Sociais.** Rev. bras. educ. espec. v, 27 2021 <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0198>

CASSAL, L. C. B., GONZALEZ, A. M. G., & BICALHO, P. P. G. (2012). **Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização**. *Psico*, v, 42 n,4. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8600>

DANTAS, Jenniffer Karolynny de Araújo. **Sexo sobre rodas: vivências e discursos da sexualidade de homens cadeirantes**. Fortaleza, 2016.

DIAS, CS (23.05.96). **Influências dos fatores físicos e psicológicos na sexualidade da lesão medular**. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, volume (1), páginas (121-127). DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v8i1.736>.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FRAISSE, Geneviève. **La différence des sexes**. Paris: Presse Université de France, 1996.

GARCIA, Marianna Stella Garcia Magesty Da Costa. **A vivência da sexualidade na deficiência: uma revisão bibliográfica**. Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Brasília, dezembro de 2018.

GESSER, M., & Nuernberg, AH (2014). **Psicologia, Sexualidade e Deficiência: Novas Perspectivas em Direitos Humanos**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 850-863. Universidade Federal de Santa Catarina.

GESSER, M.; NUERNBERG, A. H. **Psicologia, sexualidade e deficiência: Novas perspectivas em direitos humanos**. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 34, n. 4, p. 850-863, 2014.

GHERPELLI, Maria Helena Brandão Vilela. **A educação preventiva em sexualidade na adolescência**. São Paulo: FDE, 2016.

GIAMI, A. (2009-2013). **Sexologia, Saúde Sexual, Direitos Sexuais, Medicina Sexual: Um Campo em Movimento**. Professor de Pesquisa ao Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale Inserm, U 822, Le Kremlin Bicêtre, F-94276, França. Presidente do Comitê Científico da WAS.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: CLT, 2010.

LUCAKSSON, R. **Pessoas com Deficiência e Sexualidade**. São Paulo: Atlas, 2012.

MAIA, A. C. B. **Inclusão e sexualidade na voz de pessoas com deficiência física**. Curitiba: Juruá, 2011.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e Deficiência**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO P. R. M. **Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências.** Rev. Bras. Ed. Esp. Marília, v.16, n. 2, p 169-176, 2010.

MENDES JÚNIOR, E.; SEFFNER, F. **Sexualidade e deficiência no campo da pesquisa acadêmica: Concepções e conceitos.** In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 e 13º Congresso Mundial de Mulheres, Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2017.** ISSN 2179-510X.

MENDES, Edson Mendes Da Silva Júnior. **Entre o fisiológico e o social: modelo médico e modelo social nas pesquisas sobre sexualidade da pessoa com deficiência.** Porto Alegre, 2018.

OLIVEIRA, E. L. de; CARDOSO, D. C.; DENARI, F. E. **O corpo humano como alimento para a sexualidade.** Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 67-79, jan./jun. 2017. ISSN: 1413-2060. DOI: 10.30715/rbpe. v19.n1. 10821..

PEREIRA, Márcio. **A História da Pessoa com Deficiência.** Revista da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Cláudio, v. 5, pág. final], 2017. ISSN 2317-5265.

PICCOLO, Giovanna Souza; SOUZA, **Educação em Sexualidade para Deficientes Físicos: Uma Revisão Bibliográfica.** Rio Claro, 2019.

PIZZINATO, Adolfo; ALMEIDA-SEGUNDO, Damião Soares de; UZIEL, Anna Paula. **Gênero e sexualidade: Análise das publicações na revista Psicologia: Ciência e Profissão (1995-2019).** Revista Psicologia e Profissão, 2020, p. 2-4.

SILVA, P. Y. F., Dias, J. C., Santos, W. S., Kian, G. C., & Rodrigues, L. B. **A expressão da sexualidade em homens portadores de deficiência física adquirida recebido em:** 08/12/2014; Aceito: 16/01/2015; Publicado: 24/02/2015.

SOUZA, Creuza Souza Dias. **Influências dos fatores físicos e psicológicos na sexualidade do lesado medular.** Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 1997. DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v8i1.736>.

VAZ, FML (2009). **As linguagens da sexualidade: mito e racionalidade na Filosofia e Educação. Paideia, Volume 1,** Número Especial de Lançamento, outubro, ISSN 1984-9605.